



RODRIGO DE OLIVEIRA

A SENHORA DOS MORTOS

LIVRO TRÊS



 FARO
EDITORIAL

RODRIGO DE OLIVEIRA

A SENHORA DOS MORTOS

 **FARO
EDITORIAL**

INTRODUÇÃO



JEZEBEL ESTAVA PARADA no ponto exato onde a rodovia BR-116 passa sobre a avenida Presidente Castelo Branco, na cidade de Porto Alegre, capital do Rio Grande Sul.

De lá, era possível avistar a cruz sobre a igreja Nossa Senhora dos Navegantes, local onde antes do Apocalipse Zumbi ocorriam procissões de devotos vindos de diversas cidades do sul do país.

Era uma manhã de sol bonita, quase sem nuvens no céu. Uma brisa suave fazia os seus cabelos balançarem preguiçosamente.

Estava muito frio, cerca de cinco graus, mas a sensação térmica era de dois graus, por causa do vento. Era inverno numa das capitais mais geladas do Brasil.

Jezebel caminhou tranquila entre os inúmeros carros abandonados na via. Diversos veículos abandonados ali juntando poeira e ferrugem, desintegrando-se aos poucos pela ação do tempo. Mais à frente, um ônibus intermunicipal tombado na pista. Sua carroceria enegrecida denunciava que fora incendiado ou pegara fogo depois do acidente.

Ela se aproximou da mureta de proteção da pista e ficou observando aquela parte da cidade.

De lá, avistou uma estreita coluna de fumaça que subia ao céu, partindo de algum ponto atrás da igreja.

Ficou curiosa. Nas diversas cidades pelas quais passara antes, ela notou o mesmo padrão, sinais da presença de seres humanos sobreviventes sempre ao redor de igrejas, transformadas em abrigo preferencial.

Em outra situação, esconder-se numa igreja nunca seria a escolha dela, mas agora, pouco importava. Jezebel e a raça humana estavam em lados opostos.

Havia um mês Jezebel se tornara zumbi.

Porto Alegre... Quanto tempo fazia que ela não visitava aquela cidade? Desde que ela e a irmã gêmea, Isabel, fizeram o tratamento de *neuro-feedback* para enfrentar os problemas de paralisia e hiperatividade cerebral. No tempo em que ela, a irmã e o pai delas, Alex, formavam uma família.

Entretanto, aquelas lembranças agora pertenciam a outra vida. Fantasmas do passado que tentavam inutilmente assombrá-la.

Jezebel não entendia por que fora a escolhida. Enquanto todos os demais zumbis eram irracionais e desprovidos de quaisquer lembranças, ela conservara o intelecto e a memória. Sobretudo, ganhara o dom de destruir o que desejasse, sem nenhum esforço, apenas com o poder da mente.

Quando humana, Jezebel e a irmã gêmea conseguiam fazer coisas incríveis, como ler pensamentos ou até mesmo mover pequenos objetos sem tocá-los. Agora, seus dons fantásticos atingiram um patamar inimaginável.

Mas Jezebel não era mais humana, disso não havia dúvidas. O que ela e todos os zumbis tinham em comum era a fome insaciável por carne humana. Esse ímpeto era tão forte e selvagem nela como em qualquer outro morto-vivo. Diante de uma vítima, Jezebel enlouquecia, num impulso incontrolável e irracional.

Na fome constante, ela e os demais zumbis eram iguais.

E sua consciência acrescentava-lhe outro aspecto: Jezebel transpirava ódio o tempo todo. Era uma fúria sem trégua, apenas esperando o melhor momento para se tornar ainda mais cruel. Se os seus poderes permitissem, erradicaria, em segundos, a humanidade da face da Terra. Tratava-se de um sentimento explosivo, inexplicável, marcado a fogo em seu coração morto.

Tão grande quanto o ódio, era a inebriante sensação de poder ilimitado e que tornou-se, a cada dia, sua verdadeira obsessão. Sobretudo após um episódio:

Enquanto caminhava com sua horda de zumbis, ainda pequena, na direção de Porto Alegre, Jezebel se deparou com um obstáculo intransponível.

Um avião, que voava para a capital gaúcha no dia do apocalipse zumbi, caíra no meio da rodovia. Arrancara árvores, esmagara veículos e deixara um rastro de destruição por uma extensão de centenas de metros.

Jezebel não podia acreditar. Ela precisava chegar até Porto Alegre e agora se via impossibilitada de seguir em frente. Seriam necessários tratores, caminhões e umas cem pessoas para desobstruir aquela pista para que ela passasse com sua tropa. E ela só dispunha de um exército de zumbis estúpidos.

— Não, não, não... isso não é possível! — Jezebel falou para si mesma, furiosa.

Ela já havia feito coisas impressionantes com seus poderes, mas nada que se comparasse com o desafio que seria atravessar aquela confusão.

Ela parou diante daquele cenário de desolação composto por troncos de árvores, gigantescos pedaços de asfalto e centenas de toneladas de aço retorcido.

Respirou fundo, olhou fixamente para aquela montanha de escombros e fez o impossível:

— Deixe-me passar! AGORA!

Uma onda de choque digna de uma explosão nuclear partiu de onde ela estava e foi desintegrando o que encontrava pelo caminho. Parecia que um aríete gigantesco e invisível se deslocava para a frente, pulverizando ou arremessando longe tudo aquilo que antes impedia o avanço da horda.

Jezebel piscou os olhos diante da devastação que causara. Até o que sobrara do asfalto foi arrancado fora. A passagem estava livre.

Ela olhou para as próprias mãos e se deu conta do que fizera. Se até então tinha certeza de que seus poderes haviam se tornado fantásticos, agora, pensava que talvez fossem incalculáveis. Ao fazer essa constatação, Jezebel gargalhou de satisfação. Concluiu que não era realmente um simples zumbi.

Jezebel passou a se considerar DEUS!

De volta ao presente, ela olhou para a própria mão apoiada sobre a mureta e percebeu que sangrava. Cortara-se em uma farpa de aço enferrujado que saía do concreto corroído.

Era outra característica dos zumbis: a total ausência de dor ou medo. Por causa disso, aquelas criaturas andavam em estado tão deplorável, destruindo os próprios corpos sem perceberem ou sequer se importarem.

A sua mão tremia de leve e, para conseguir avaliar o ferimento, Jezebel precisou segurar o próprio pulso com firmeza.

Sentia-se como uma pessoa doente. Igual aos demais de sua espécie, ela tremia e mancava; a falta de coordenação motora era o desafio diário com o qual não se acostumara.

Tentou ignorar aquilo tudo e continuou olhando na direção da igreja Nossa Senhora dos Navegantes. Jezebel tinha certeza de que ali havia um acampamento de sobreviventes. Possivelmente, algumas dezenas de pessoas estariam escondidas, desesperadas, apelando pela proteção divina.

Diante do que acontecera, Jezebel estava certa de que Deus e seus santos não existiam, ela era o verdadeiro poder. Não havia proteção divina, redenção ou milagres. A única realidade do mundo eram os zumbis; todo o resto não passava de lixo.

— Que morram todos — Jezebel sussurrou.

No mesmo momento, o chão começou a tremer. A poeira e a ferrugem sobre os carros começaram a vibrar e a pular como se ganhassem vida.

Gritos e gemidos de zumbis se elevaram de todas as direções. Do silêncio absoluto emergiu uma sinfonia infernal de trombetas do Apocalipse.

Ao olhar para trás, ela sorriu diante da gigantesca multidão de mortos-vivos que avançava trôpega pela rodovia e ganhava a avenida. Vinham infestando tudo, como uma nuvem de gafanhotos. Como se a comporta de uma represa de morte e destruição fosse aberta.

Eles entraram na avenida, passando pelo Clube de Regatas Vasco da Gama e avançando rápido na direção da praça Navegantes.

Jezebel olhou novamente para a cruz no topo da igreja, e seu olhar ganhou uma expressão sádica, cruel.

E, de repente, a cruz rachou em sua base, despencando como uma lança sobre o teto do imenso templo. E logo após, Jezebel já podia ver o resultado de sua obra: a queda não apenas acabou com a cobertura do abrigo, mas quebrou uma de suas paredes frontais, deixando aquela humilde fortaleza sem proteção.

— Não tenho medo de você, Nazareno! Por mim, você seria pregado na cruz novamente — Jezebel sussurrou, com escárnio.

Os primeiros berros de horror dos sobreviventes diante da visão dos zumbis começaram a se elevar entre os urros ensurdecedores.

Setenta mil zumbis estavam ali, como um exército, todos obedientes à Jezebel.

— Matem todos! — Jezebel gritou. — Cada homem, mulher, velho ou criança. Não quero ninguém vivo.

Ao longe, tiros eram disparados em vão por indivíduos que desesperadamente tentavam se salvar. Mas era inútil, não havia uma forma de sobreviver àquela investida.

— Quero todos mortos — Jezebel sussurrou uma última vez, fechando os olhos em êxtase.

Quando o cheiro de sangue humano chegou até suas narinas, ela deixou todo o aparente controle de lado e começou a avançar com sua gigantesca horda de mortos-vivos.

Porto Alegre seria a primeira capital brasileira a cair. Ela apenas começava a sua vingança, a cada avanço seu exército se multiplicava numa progressão incontrolável. A desvantagem dos zumbis, sua falta de organização, fora resolvida com sua liderança. O pequeno equilíbrio, que permitiu a sobrevivência dos humanos, fora derrubado. E daqueles sobreviventes, nenhum foi poupado.

CAPÍTULO 1

O SOBREVIVENTE



IVAN ESTAVA CAMINHANDO pelas ruas do Condomínio Colinas distraído quando percebeu que estavam completamente desertas. O céu nublado e o vento frio tornavam aquele cenário ainda mais desolador.

Era estranho tamanha calma e silêncio. A comunidade parecia abandonada. Onde estariam todos?

Percebeu também muita sujeira nas ruas, restos de lixo carregados pelo vento e folhas ressecadas caídas das árvores. Parecia que o lugar não era limpo há muito tempo.

Andando por aquelas ruas sem nenhum sinal de vida humana, Ivan começou a sentir aflição. Aquele silêncio total, a ausência de pessoas não era normal; havia algo errado.

Instintivamente, ele levou a mão ao coldre — mas sua pistola não estava lá. Não fazia sentido, ele jamais saía desarmado.

Fez o movimento de voltar para casa quando, enfim, avistou uma mulher parada no meio da rua, de costas para ele. Seu cabelo e suas roupas balançavam ao sabor do vento.

Mesmo de costas, Ivan a reconheceu. Tratava-se da única sobrevivente da comunidade que o odiava de modo visceral pelas decisões que ele tomou e afetaram as pessoas que ela amava.

Era Isabel.

Ivan se aproximou com cautela, alerta, preparado para alguma eventualidade. Ele não sabia por quê, mas sentia o perigo.

— Isabel, onde estão todos? — Ivan perguntou, olhando mais uma vez por sobre o ombro.

Isabel, entretanto, não respondeu. Ela nem sequer se moveu.

— Isabel? Tem algo errado? — Ivan franziu a testa.

Nenhuma resposta. Ela não falava ou se virava.

— Isabel...?

Ela começou a se virar, sem a menor pressa.

Ivan arregalou os olhos e engoliu em seco ao se dar conta de que Isabel tinha os olhos mortos, a marca dos zumbis.

— Ivan, eu vou me vingar. Vou fazer você sofrer até que enlouqueça. Você irá pagar pelo que fez comigo! — a mulher vociferou, com ódio. E a voz dela soou estranha, distorcida.

— Jezebel! — Ivan ficou perplexo ao perceber que estava diante da irmã gêmea de Isabel. — Como chegou aqui?

— Não importa como eu cheguei, mas sim o que vou fazer com você! — Jezebel gritou, furiosa, caminhando devagar na direção de Ivan.

— Jezebel, se afaste, não me obrigue a machucá-la! — Ivan apontava o dedo para ela. No fundo, porém, sentia-se em desvantagem, pois estava completamente desarmado.

— E como você pretende me machucar, Ivan? Com que arma? Com quais soldados? — Jezebel esboçou um sorriso cruel. — Como pretende fazer algo, se não sobrou mais ninguém? — falou indicando uma direção qualquer.

Ivan olhou para ela bem no fundo daqueles olhos vazios, tentando entender o que Jezebel queria dizer. Foi quando seus olhos miraram algo impressionante, logo atrás de si.

Ele viu uma montanha de cadáveres às suas costas. Uma pilha enorme de seres humanos, com alguns metros de altura. Centenas de pessoas ensanguentadas, dilaceradas, mutiladas. Talvez, mais de mil mortos.

Agora, ele reparava que a cena se repetia em todas as direções. Os mortos se achavam amontoados de forma displicente, formando diversos monumentos ao sadismo e deleite dos urubus que sobrevoavam aquele lugar, enquanto algumas aves se encontravam pousadas sobre um ou outro defunto, bicando pedaços de carne.

Ele foi tomado de enorme pavor. Começava a reconhecer rostos em meio a tantas lacerações... o pesadelo se tornava pior a cada minuto.

— Meu Deus, isso não pode ser verdade... — Ivan balbuciou com os olhos arregalados. E seu desespero ia aumentando acompanhado pelos batimentos do seu coração.

Foi quando percebeu o pior. Ao olhar sobre o cume daquela pilha macabra, identificou sua esposa e filhos. Estela e as crianças jaziam jogadas sobre os demais cadáveres, no topo, em posição de destaque. Estela, os olhos abertos, arregalados, demonstrava imenso terror. A boca estava aberta, como se o seu grito tivesse sido eternizado. Seu rosto e seu corpo, lavados em sangue. E a cena se repetia com as crianças.

— NÃÃÃÃOOO!!! — Ivan gritou, levando as mãos à cabeça em desespero.

Naquele instante, Jezebel puxou-o pelo braço, obrigando-o a encará-la.

— Você pode tentar fugir, Ivan, mas nunca vai conseguir se esconder de mim! — Jezebel falou a um palmo de distância dele, com um hálito quente, podre, oriundo de coisa morta.

O cheiro, o pavor, a tensão daquele encontro foram tão fortes que Ivan fez um movimento brusco, como num salto para trás.

E despertou.

Ele pulou na cama ao acordar do pesadelo.

* * *

Ivan sentiu um profundo alívio; tudo não passara de um sonho. Respirou fundo. Estava tudo bem, havia sido apenas um pesadelo muito realista.

Espreguiçou-se na cama, sentindo os ossos estalarem. Depois de aproveitar mais alguns minutos sob as cobertas, levantou e se dirigiu ao banheiro.

Quando voltou, permaneceu alguns instantes observando sua esposa, Estela, dormindo. Ambos eram os líderes da comunidade de sobreviventes do Condomínio Colinas, em São José dos Campos.

Eles criaram um grupo fortemente armado e muito bem organizado que já contava com quase três mil sobreviventes. Um batalhão de pessoas que se uniram para sobreviver ao horror que se apossara da Terra: a praga dos zumbis.



ESTA OBRA FOI IMPRESSA PELA
PROL EM MARÇO DE 2016